

## MEMÓRIA E ESQUECIMENTO LGBT NOS MUSEUS, PATRIMÔNIOS E ESPAÇOS DE MEMÓRIA NO BRASIL

Jean Baptista<sup>1</sup> e Tony Boita<sup>2</sup>

---

### RESUMO

O presente artigo visa apresentar algumas reflexões sobre o lugar da memória de travestis, transexuais, lésbicas, gays e bissexuais nos museus, patrimônios, monumentos e espaços de vocação museológica no Brasil. O estudo se inicia com algumas notas introdutórias que se esforçam em sintetizar aspectos conceituais, passando por um mapeamento breve do que de fato tem sido feito no Brasil em museus e espaços de memória relacionados à população LGBT, destacando-se a Revista Memória LGBT, até alcançar pequenas considerações finais. Trata-se, portanto, de uma proposta que procura articular memória, esquecimento, patrimônio e suas articulações com a questão LGBT.

**Palavras-chave:** Memória. Esquecimento. Patrimônio. Comunidade LGBT. Museologia comunitária.

### ABSTRACT

This article aims to present some thoughts on the place of memory of transvestites, lesbians, gays and bisexuals in the museums, heritage, monuments and spaces of museum's vocation in Brazil. The study starts with a few introductory notes that strive to synthesize the conceptual aspects, through a brief mapping of what actually has been done in Brazil in the museums and the memory spaces related to LGBT population, especially, the Memory Magazine LGBT, to reach final considerations. This is, therefore, a proposal that seeks to connect memory, oblivion, heritage and their connections with the LGBT question.

**Keywords:** Memory. Oblivion. Heritage. LGBT communities. Community museology.

---

1 Doutor em História e professor no bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás - UFG. Integrante do projeto Memória LGBT. E-mail: jeantb@hotmail.com

2 Museólogo, mestrando em Antropologia e professor no bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás - UFG. Coordenador do Projeto Memória LGBT. E-mail: tonyboita@hotmail.com

## VEADOS NA RUA

No entorno da universidade onde lecionamos, há uma grande área verde com pistas de caminhada. Gostamos de percorrer este caminho enquanto discutimos tudo que é tipo de tema. Hoje, enquanto fazíamos a caminhada matinal, pensando a produção deste artigo, um carro com desconhecidos passou por nós e seus passageiros, homens e mulheres, trataram de nos lembrar do nosso lugar no Brasil com um sonoro grito: “EI, VEADOS!”.

Este tipo de agressão é comum em nossas vidas. Como bem nos disse uma amiga transexual, devemos é agradecer que foi apenas um xingamento, e não o que recentemente ocorreu com uma travesti em uma cidade próxima, que, mesmo na calçada, foi atropelada por um carro dirigido por transfóbicos. De fato, cotidianamente, a sociedade nacional insiste em nos dizer que casados ou não, trabalhando ou não, tendo dinheiro ou não, nada mais somos do que desprezíveis criaturas que podem ser abertamente ofendidas nas ruas, difamadas diariamente, humilhadas no mercado de trabalho, abusadas em nossas famílias e até mesmo assassinadas por qualquer desconhecido transtornado. Este tem sido nosso país por séculos. Este é nosso lugar. E é sobre isso que temos dito que a Museologia tem que atuar.

Que tempos novos se abrem, disso não há dúvida. Nossa presença no curso do Sesc Memória e Esquecimento, ao lado de outros temas importantes como misoginia, racismo e discriminação em geral nos museus e espaços de memória, indica que novos ares oxigenam a reflexão sobre o não lugar das minorias em nosso país. Contudo, pouco há para se relaxar e desfrutar. Muito trabalho ainda há pela frente para se valer das possibilidades pedagógicas possíveis que surgem ao se articular Museologia, patrimônio, memória e direitos humanos. Mais trabalho ainda para se alcançar uma sociedade justa, onde possamos angariar direitos cotidianos, como a simples garantia de que possamos andar nas ruas sem sermos atacados em virtude de nossa orientação sexual.

Sabemos que a produção acadêmica referente à memória de grupos subalternizados, nas áreas ligadas aos museus e patrimônios, segue sendo um tabu. Associar a categoria sexualidade aos espaços de memória ainda é raro nas produções científicas e quase nulo nos museus brasileiros. Nos mais de três mil museus brasileiros dedicados à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, o tema LGBT ainda é negado por seus profissionais. Podemos concluir que os museus e patrimônios são espaços de vocação fóbica à diversidade sexual, contribuindo, com isto, com o cenário de discriminação acentuada vivenciado pelas comunidades LGBT no país.

O presente artigo visa apresentar algumas reflexões sobre o lugar da memória de travestis, transexuais, lésbicas, gays e bissexuais nos museus, patrimônios, monumentos e espaços de vocação museológica no Brasil. Iniciando com algumas notas introdutórias que se esforçam em sintetizar aspectos conceituais, passando por um mapeamento breve do que de fato tem sido feito no Brasil em museus e espaços de memória relacionada à população LGBT, destacando-se a Revista Memória LGBT, até alcançar pequenas considerações finais. O tema, evidentemente, aqui não se encerra. Que venham novos ares, sem muita demora, pois há urgência no tema.

### ALGUMAS NOTAS

É necessário considerar dois aspectos comumente questionados no campo museológico brasileiro e fora dele. Primeiramente, a questão da sigla, e, em seguida, as possíveis relações que a questão LGBT apresenta com museus e patrimônio.

A sigla que utilizamos em nossos estudos é LGBT, designando, com isso, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/travestis/transgêneros. Tal escolha justifica-se por se tratar de uma sigla utilizada desde 2009 pelo Estado brasileiro para a efetivação de políticas públicas, tais como o Plano Nacional de Promoção de Cidadania e Direitos Humanos de LGBT. No entanto, para nós, esta sigla não exclui ou ignora suas antecessoras e as demais identidades possíveis no cenário das múltiplas sexualidades da humanidade. Por agora, contudo, atemo-nos à sigla LGBT, sobretudo por ter se tornado oficial nas políticas públicas do Brasil.

No que diz respeito à relação entre a questão LGBT, museus e patrimônio, surgem questionamentos, praticamente em todos os congressos que participamos no Brasil, sobre a possibilidade de tal articulação. “Não vejo onde o *homossexualismo* pode estar presente na cultura nacional”, nos disse um pesquisador certa vez, cometendo não apenas um equívoco conceitual ao tratar a homossexualidade como doença, mas também a exclusão da cultura LGBT em todo nosso país. “Meu museu não possui em sua missão os LGBT”, nos disse outro diretor de um museu público, sem se dar conta de que todas as missões foram construídas em contextos fóbicos à diversidade sexual. “A sexualidade de fulano é irrelevante para se entender sua obra”, costumam argumentar os profissionais de museus dedicados a personalidades que seguem presas em armários, ainda que em suas vidas tenham sido vítimas de fobias. Entre outros questionamentos, não raro os profissionais de museus insistem que *seus* museus nada têm a ver com o tema.

Sobre isso, algumas breves considerações: em sua base, o patrimônio é uma palavra de origem patriarcal, o que explica a *heteronormatividade*

na seleção do que deve ser tombado ou registrado. Para um grupo ou para a sociedade, o patrimônio significa, antes de tudo, pertencimento afetivo ou social. Como aponta Waldisa Guarnieri (2010, p.179), o patrimônio vai além de uma jurisdição ou de um valor para uma elite e só poderá ser apropriado e com isso preservado a partir de “valoração e consciência” derivadas “de uma historicidade das quais significativas parcelas do povo estejam cômicas. Ou seja, patrimônio cultural é questão de consciência histórica” (GUARNIERI, 2010, p. 121). Se o debate sobre o patrimônio no Brasil passou a se dedicar às diversas comunidades que construíram esta nação, qual a dificuldade em relacioná-lo com os LGBT, que, desde tempos primeiros, aí estão se reconstruindo em comunidade e colaborando para a diversidade no país?

Já os museus apresentam um papel crucial para tal questão. Equipamentos culturais públicos, não formais, transformadores e capazes de estimular a superação de fobias sociais em nossa sociedade, podem ser importantes instrumentos a servir como espaço pedagógico para um país com tanto a superar. Com seus discursos, estimulam a compreensão da diversidade, bem como garantem a preservação de memórias em suas reservas técnicas. Segundo Tomislav Sola (1986, p. 26), “o aspecto dominante da missão do museu é a defesa da identidade, da continuidade da identidade”. A memória, como já se sabe, é seletiva e é construída por dominadores. Ela sempre está em disputa e, quando convencionalizada, silencia. As memórias silenciadas muitas vezes são traumatizantes.

Uma pesquisa de história oral feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais dos campos comprova tragicamente o silêncio coletivo daqueles que, depois da guerra, muitas vezes temeram que a revelação das razões de seu internamento pudesse provocar denúncia, perda de emprego ou revogação de um contrato de locação (POLLACK, 1989, p.10).

Em paralelo, quando tratamos da memória silenciada de um grupo, tratamos da ausência de patrimônio, de espaços e territórios, modos e saberes importantes para a afirmação de sua identidade. Tal fenômeno acaba por fortalecer a vulnerabilidade social desse grupo, afinal, “um povo sem memória nada sabe, e é presa fácil de armadilhas” (GUARNIERI, 2010, p.121).

Articular a relação entre a memória LGBT com museus e o patrimônio é, antes de tudo, uma ação cidadã interessada em colaborar na superação de fobias à diversidade sexual impregnadas na cultura nacional. Os profissionais de museus que assim o fazem, associam a questão do patrimônio, reconhecendo que a presença LGBT é importante e significativa para a construção do país, seja às personalidades históricas, seja ao retrato de lutas comunitárias. Como em outros temas minoritários, os museus que

aderem ao tema assumem uma dimensão pedagógica que certamente não será a que solucionará a discriminação cotidiana e estrutural da cultura nacional, mas, possivelmente, contribuirá para os avanços contrários ao extermínio histórico da população LGBT, entre outras mazelas.

### **MAPEAMENTO DE AÇÕES PRÓ-LGBT NO BRASIL**

Nosso país tem sido considerado “um cenário favorável à diversidade museal” (CHAGAS, 2013). De fato, apresenta importantes avanços para a memória dos povos indígenas, negros, quilombolas e outras minorias, mas enfrenta oposições severas quando o assunto é a comunidade LGBT. Apenas recentemente é que se pode ter notícias mais concretas sobre ações relacionadas ao tema, as quais vamos agora conhecer.

A primeira iniciativa de caráter museológico do país que abordou a diversidade sexual foi o Museu da Sexualidade, em Salvador. Desde 1989, organizado por Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB), o museu enfrentou sérias dificuldades e encontra-se fechado há alguns anos, deixando uma contribuição inquestionável à Museologia brasileira, tradicionalmente pudica e assexuada. Em seu acervo, comprova-se que a diversidade sexual é marco da cultura brasileira, bem como se apresenta a possibilidade de que não se pode pensar a cultura nacional sem a presença dos LGBT. Além disso, o GGB tem apresentado imensas contribuições para o estudo da sexualidade histórica brasileira. Não raro, contudo, profissionais de museus diminuem a importância da instituição, querendo até mesmo retirá-la da lista oficial de museus brasileiros.

Em 2010, Luiz Mott proferiu uma fala no Fórum Nacional de Museus provocando a comunidade museológica a acordar para o tema. Provindos de movimentos sociais periféricos, nós e outros profissionais de museus estávamos na plateia e fomos impactados com a fala. Estava mesmo na hora de assumirmos ações mais concretas, consideramos, e passamos a fazê-lo tão logo nos demos conta que para além do Museu da Sexualidade, nada havia. Foi quando nasceu o projeto Memória LGBT, um grande guarda-chuva de ações e mapeamentos.

De lá para cá, percebemos que as dificuldades se intensificam quando o debate museológico passa a se associar ao patrimonial. Bom exemplo disso é o esforço em manter o Baile das Chiquitas, festa profana de travestis lotada em uma das maiores comemorações cristãs do país, o Círio de Nazaré, em Belém do Pará — ainda que o inventário que patrimonializou o festejo em 2004 a tenha incluído (IPHAN, 2006), bem como o Museu do Círio, muito em virtude do empenho do movimento social local, até hoje forças políticas conservadoras empenham-se em banir da cidade o que é o primeiro patrimônio LGBT reconhecido pelo Brasil. A disputa se iniciou

em 2001 e prossegue até hoje, sendo que o episódio mais recente foi o esforço dos vereadores de Belém em proibir o festejo.

O ano de 2012 foi um marco nas ações. É o ano de criação da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil, nascida no Fórum Nacional de Museus, em Petrópolis, reunindo profissionais de diversas instituições. É também o ano em que foi criado o Ponto de Memória LGBT em Maceió, um dos poucos espaços dedicados exclusivamente à memória de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Em São Paulo, o cenário tem sido efervescente. Em 2012, ocorre a abertura do Museu da Diversidade Sexual (Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual), um museu *subway* na estação de metrô República, na Praça da República. Sua primeira exposição, *O T da Questão*, dedicada às travestis e transexuais paulistanos, já indicava o foco que a instituição seguiria para as próximas atividades: as performances culturais de personalidades e grupos artísticos que marcaram a cena paulistana (MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL, 2012). Existe também uma importante iniciativa do Museu da Pessoa, que incluiu relatos de pessoas trans no acervo TransHistórias, que, segundo a instituição, “objetiva resgatar a memória e a dignidade de indivíduos vítimas de tráfico humano, exploração, violência, DST/HIV/Aids e discriminação, que têm seus direitos humanos, civis e políticos fundamentais expropriado” (MUSEU DA PESSOA, 2014).

No Rio de Janeiro, as memórias silenciadas de diversas sexualidades permeiam a cidade. Os bens culturais LGBT cariocas estão presentes nos parques e edifícios tombados: o edifício que abrigou a histórica boate gay Cine Ideal, com atividades encerradas em 2014, foi tombado (URRESTI, 2014)<sup>3</sup>; o Parque do Flamengo, idealizado pela lésbica Lotta de Macedo, está tombado no livro tombo arqueológico, etnográfico e paisagístico desde julho de 1965<sup>4</sup>; Madame Satã, ou João Francisco dos Santos, era homossexual e tornou-se um bem cultural (não formal) da Lapa — era capoeirista temido, amado, odiado; roubou, matou e foi encarcerado no presídio de Ilha Grande, hoje um eco museu, que se esqueceu do seu ilustre presidiário-morador quando solto. Vale destacar o apoio prestado pelo Museu da República, que passou a promover debates, seminários e instigações sobre a temática, realizando, inclusive, com a curadoria de Mário Chagas, a exposição temporária em homenagem aos 100 anos de Clóvis Bornay (MUSEU DA REPÚBLICA, 2016). Ainda se pode notar uma presente colaboração do Museu da Maré, na favela da Maré, e do Museu Sankofa,

3 Inepac- Conjunto de Bens Tombados -Número do processo:E-03/037.709/82

4 Iphan-Parque do Flamengo – Livro tombo arqueológico, etnográfico e paisagístico. Junho/1965 – 0748-T-64



na favela da Rocinha, em apoio às paradas LGBT da cidade. Além disso, o Museu da Favela, MUF, como se verá mais adiante, deu um gigantesco passo recentemente promovendo a memória LGBT de suas comunidades.

No Centro-Oeste do Brasil, distintas ações marcam uma nova movimentação sobre o tema. A exposição *Do Babado*, também em 2012, no Museu das Bandeiras, foi a primeira do país em um museu do Instituto Brasileiro de Museus a abordar a questão LGBT, na qual tivemos a oportunidade de trabalhar ao lado da museóloga Girlene Chagas Bulhões, posteriormente exonerada do cargo de direção mediante os protestos da pequena e conservadora cidade de Goiás, no estado de Goiás, onde fica o museu. Na Universidade de Brasília (UNB), com coordenação do professor Matias Monteiro, produziu-se a primeira exposição curricular de um curso de Museologia do país sobre a temática da sexualidade, tratando da realidade de *dragqueens* da capital e fora dela, intitulada *Vossa Majestade* – um trabalho belíssimo. O curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás passou a produzir diversas monografias e exposições sobre a temática, são elas: a exposição curricular de 2016, intitulada *Mulheres no Sertão*, e a de 2017, atualmente em franca construção, dedicada à diversidade sexual, ambas coordenadas pelo professor Tony Boita.

De modo profícuo, vários estados do Brasil começaram a promover atividades relacionadas à questão LGBT: em 2014, na cidade de Recife, a exposição *T: Um Outro Olhar* foi inaugurada no Museu Murillo La Greca, além de outros espaços; em Minas Gerais, foi realizado em 2014 o *Ciclo Transgressões no Museu*, no Memorial Minas Gerais Vale; em Porto Alegre, em 2016, foi realizada a exposição temporária *Uma cidade pelas margens* no Museu Joaquim José Felizardo. Entre outros exemplos, o mapeamento realizado demonstrou um despertar regional da comunidade de profissionais de museus sobre o tema LGBT.

Outro fenômeno que se passou a notar foi o surgimento de poucas, porém significativas, propostas de pesquisas nas pós-graduações que articulam Museologia e questão LGBT. Dentre estas, destacam-se os estudos do médico e museólogo pernambucano Flávio Amaral, *A Reserva Técnica Sai do Armário*, que analisa o impacto da questão LGBT na catalogação de museus brasileiros, em conjunto com o mestrado de Tony Boita, sobre a Revista Memória LGBT, na UFG. Vale lembrar que a produção acadêmica já poderia ser maior no campo do mestrado e doutorado, mas, mediante distintos argumentos, os raros candidatos que se aventuram em uma seleção de pós-graduação encontram seus temas vetados mediante argumentos absolutamente incompreensíveis, configurando uma clara manifestação das pós-graduações em apoiar a invisibilidade da questão LGBT quando articulada à Museologia.

Outro marco destes primeiros anos de reconhecimento da memória LGBT, foi a polêmica sobre a sexualidade de Mário de Andrade, em 2015. O caso é emblemático porque sinaliza a importância pedagógica de que personalidades históricas já reconhecidas pela memória oficial tenham sua sexualidade revelada. Nos escritos deixados pelo autor, até então fechados pela Fundação Rui Barbosa, e somente abertos graças à ação judicial empreendida por um jornalista da mídia massiva, percebe-se que Mário de Andrade, apesar de toda a contribuição que deixou ao país, viveu perseguido pelo preconceito e oprimido pela sociedade que o cercava. Alguns estudiosos, afoitos em proteger a *integridade* de Mário de Andrade, chegaram a dizer que tais revelações em nada poderiam afetar o mérito de suas obras, como se tal aspecto fosse irrelevante para compreensão de sua obra ou o difamassem. Do nosso ponto de vista, essa *saída do armário* forçada foi salutar: o Brasil deve aprender que até mesmo suas grandes personalidades podem ser lesadas mediante o preconceito, ao mesmo tempo em que suas imensas contribuições são, sim, parte de um patrimônio LGBT que está distribuído pelo país. Obviamente, a sexualidade de Mário não explica sua obra, mas não há como entendê-la em profundidade sem levar em conta tais aspectos — seu olhar para as minorias, seu retrato sobre a violência e o preconceito, entre outros fatores, são impactados por alguém que conhece a condição minoritária. Em 2017, a Fundação Rui Barbosa deu um importante passo, dessa vez por iniciativa própria, revelando uma documentação onde se comprova que o escritor Pedro Nava, grande nome do memorialismo brasileiro, era chantageado, o que explicaria seu misterioso suicídio. “Senhor, Senhor! Dilacerai a minha carne, mas tende pena dos homossexuais”, diz uma de suas anotações até então secretas. O que mais esperar dos espaços de memória dedicados a estes grandes vultos, até então tratados como assexuados, como, entre outros, Santos Dumont, Burre Marx, Fernando Pessoa? Estarão as instituições que são responsáveis por suas memórias prontas para apresentar os horrores, as depressões, as chantagens, as difamações e as pressões a que tais personalidades foram submetidas ao longo de suas vidas? Estarão dispostas a colaborar na superação das fobias vigentes que colaboraram no massacre físico e emocional daqueles que devem salvaguardar? Esperamos que sim.

Como se percebe, a segunda década do século XXI tem sido profícua para as reflexões e ações sobre a memória LGBT no Brasil. Novos aspectos surgiram e tratam de problematizar a importância de tal relação. O que se espera é que venham mais.

#### **A REVISTA MEMÓRIA LGBT**

Em 2013, o Projeto Memória LGBT criou a Revista Memória LGBT (RMLGBT). Trata-se de um periódico digital colaborativo, de publicação



bimestral, originado a partir de uma proposta de pesquisa interdisciplinar. Sua premissa é “agregar, disseminar e salvaguardar, a memória, história, o patrimônio cultural e ações de Museologia social da comunidade LGBT” (RMLGBT, 2013).

A Revista Memória LGBT propõe uma provocação ao realizar uma analogia entre a publicação e os museus, incorporando o sentido social do segundo à primeira. Ou seja: da mesma forma que um objeto material ou imaterial perde sua função original para ganhar novos sentidos, signos e significados, a RMLGBT, extrapola a materialidade e *musealiza* histórias, relatos, matérias de jornais e fotos em memórias. Assim, a revista dá voz à comunidade LGBT, possibilitando a divulgação de seus signos e significados a partir de referências patrimoniais que até então são individuais.

O periódico conta com todo o suporte por parte da Rede LGBT de Memória e Museologia Social. Entre seus atuais objetivos, destacam-se o mapeamento interdisciplinar do estado da arte e Memórias LGBT no Brasil e no mundo. O cerne de seu trabalho se baseia na demanda e direito social de superação de práticas homo, lesbo e transfóbicas. Dentre outros métodos de discussão e ativismo, ela destaca a ausência do protagonismo LGBT em museus e demais espaços de memória, questionando-a e destacando como essa ausência apenas dificulta, ainda mais, a superação das práticas e violências da sociedade fóbica que compõe o Brasil. Por conta disso, a revista mantém seu formato digital, alcançando um público variado distribuído pelo globo.

Contando com 10 edições publicadas, a Revista Memória LGBT já provou sua versatilidade e adaptação de conteúdo frente a oscilações sociais e debates políticos. Ao longo de sua história, o periódico publicou os seguintes temas; 1) Madame Satã; 2) Nossas Musas; 3) Patrimônio Cultural LGBT; 4) O Museu da Diversidade; 5) Visibilidade Lésbica; 6) Edição de Aniversário; 7) Ser Lésbica na Favela; 8) Ser Gay na Favela; 9) Ser Trans na Favela; 10) DziCroquettes.

Em variadas edições, a Revista passou a publicar matérias sobre a memória, patrimônio e história LGBT no Brasil, além de promover exposições virtuais sobre variados temas interseccionados com classe e raça. Também passou a realizar projetos em comunidades, tal qual o projeto Memória LGBT no Museu de Favela, que revelou memórias subterrâneas da favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, contando com três edições especiais (e três exposições em revista), intituladas: *Ser Lésbica na Favela*, *Ser Gay na Favela* e *Ser Trans na Favela*. Além disso, o projeto promoveu o I Seminário Brasileiro de Memória, Museologia e Comunidade LGBT do Brasil, encontro que reuniu distintos profissionais de museus e de memória, bem como integrantes de movimentos sociais. Em conjunto, os resultados revelaram a imensa distância entre a realidade de pessoas LGBT

que pertencem à classe média brasileira quando comparadas com as populações de baixa renda, indicando que a Museologia e a memória LGBT produzida no Brasil têm suas particularidades e necessitam estar associadas ao critério de classe e raça para estar melhor conectadas com a realidade nacional (REVISTA MEMÓRIA LGBT, 2013).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O surgimento de museus, exposições e ações diretas interessadas na memória das comunidades LGBT no Brasil atestam que a temática está, gradualmente, assentando-se como tema nos museus, patrimônios e monumentos, bem como, no campo museológico. Contudo, ainda há o que se avançar.

As iniciativas mapeadas revelam um amplo campo a ser explorado, onde uma minoria encontra nos museus a possibilidade de alertar sobre um longo processo discriminatório que atravessa a história do país, chegando aos dias de hoje como uma das maiores vergonhas que as sociedades devem enfrentar. Quando tentam nos ofendem na rua, não somos nós que ficamos com vergonha. É o Brasil.

Ao comprometer a Museologia, os espaços de memória e os bens culturais como ferramenta para a superação da fobia aos LGBT, distintas estratégias já são apontadas pelas ações aqui mapeadas. A positivação de personalidades históricas tem sido uma das mais recorrentes, fundamentando-se no impacto sócio-pedagógico que poderia representar ter algum cientista, artista ou político já reconhecido pela memória nacional do país. Há, também, o que muito nos interessa: uma Museologia capaz de pensar no indivíduo anônimo e suas comunidades — as ações realizadas no MUF pela Revista Memória LGBT demonstram que há radicais diferenças de pautas e vivências quando investigamos a memória LGBT a partir de recortes de classe e raça, sobretudo no Brasil, o que aponta para a necessidade de um envolvimento mais amplo por parte da Museologia Social. O esforço em reunir artefatos, reportagens e outros documentos, bem como a produção de pesquisas, é marca indelével de boa parte das ações identificadas. Majoritariamente, ou sempre que possível, as ações não se negam a falar da resistência LGBT, das trajetórias dos movimentos sociais, da perseguição política e teocrática e das dificuldades de acesso aos direitos civis, tal qual acesso à educação e saúde (sobretudo quando o tema é a pandemia de SIDA) — a memória da violência é, de fato, o principal mote das estratégias identificadas. Em conjunto, pode-se falar que boa parte desses espaços nasce de organizações ativistas e que já existe um farto material relacionado à memória da população LGBT, mas que, de fato, este ainda não foi incorporado aos mais variados museus brasileiros.

Por fim, o que se apreende até o momento por meio deste mapeamento é que as comunidades LGBT do Brasil, tal qual as globais, estão empenhadas em construir um conjunto de saberes e práticas em que a Museologia, os museus, o patrimônio e a memória tornem-se instrumentos estratégicos de manifestação e resistência, interessadas em contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, ainda que vivendo em contextos extremos e violentos.

Apesar dos avanços, mesmo com novas reflexões, os resultados são pífios. Da mesma forma que políticas públicas voltadas aos LGBT seguem escassas, a maioria dos museus e espaços de memória continua estagnada em suas ações quando o assunto é diversidade sexual. Até mesmo as iniciativas comunitárias em memória e Museologia Social, os museus comunitários, ecomuseus e abordagens que transgrediram os pilares da Museologia tradicional, ainda não questionam a violência e o direito à memória aos LGBT, seja em seu edifício ou em seu território. Nota-se mesmo que um novo pensamento museológico brasileiro ainda não transformou os museus e as práticas comunitárias museológicas. No que se refere ao direito à memória, atualmente a comunidade LGBT tem um único direito, o de não ter nenhum. Trata-se, portanto, do reflexo de uma concepção de história que, por envolver sexualidade, segue, nos termos de Foucault (1988, p. 9), “cuidadosamente encerrada”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e Museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 27, n. 41, p.175-192, dez. 2014. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2602>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

BOITA, Tony Willian. *Memória LGBT: Mapeamento e Musealização* em Revista. 2014. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade Federal de Goiás -UFG, Goiânia, 2014. Disponível em: <[HTTPS://www.cienciasociais.ufg.br/up/106/o/TCC\\_Tony\\_Museologia\\_UFG\\_2014.pdf](https://www.cienciasociais.ufg.br/up/106/o/TCC_Tony_Museologia_UFG_2014.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2016.

CHAGAS, M. Memória e poder: dois movimentos. *Cadernos de SocioMuseologia, América do Norte*, n. 19, jun. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/27B7pG>>. Acesso em: 29 Nov. 2014

FACCHINI, R. *Sopa de Letrinhas? Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro:Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. GuilhonAlbuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Disponível em: <[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault\\_historiadasesexualidade.pdf](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasesexualidade.pdf)>. Acessado em: 20 out. 2014.

Grupo Gay da Bahia - GGB. *Início*. 2016. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/>>. Acesso em: 20 ago.2016

GUARNIERI, WaldisaRússio Camargo. Museologia e identidade. In: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (Org.). *WaldisaRússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo, Pinacoteca do Estado, v. I, p. 176-185, 2010.

IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Dossiê IPHAN 1: Círio de Nazaré*. Rio de Janeiro: Iphan, 2006. 101 p.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. *Exposição o T da Questão*. 2012. Disponível em: <<http://www.mds.org.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

MUSEU DA PESSOA. *TransHistórias*. 2014. Disponível em: <<http://www.museuda-pessoa.net/pt/home>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

MUSEU DA REPÚBLICA. *Exposição Clóvis Bornay*. 2016. Disponível em: <<http://museudarepublica.museus.gov.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Tradução de Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, jun. 1989.. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2014.

REVISTA MEMÓRIA LGBT (Brasil). *Você sabia que sua boate pode ser tombada?* 2016. Disponível em: <[www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com)>. Acesso em: 17 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com)>. Acesso em: 17 dez. 2014.

SOLA, Tomislav. Identidade – Reflexões sobre um problema crucial para os museus. In: *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n. 1, IBPC, 1986.